

Maria Therezinha do Prado Valladares (UERJ)

Era uma vez uma mestra que queria ser apenas uma professora. Mas não conseguia.

O cotidiano de quem conviveu com ela traz histórias incríveis. E agora conto uma: naquelas conversas do meio da tarde, fiquei sabendo da vontade de Dirce Riedel em promover um curso onde os grandes clássicos da humanidade fossem lidos e estudados. Os alunos, sua grande meta, não os conheciam. Dostoievski, Stendhal, Tolstoi, Proust, Thomas Mann e outros grandes de todos os tempos e todos os espaços. Achei a idéia boa, generosa, e comentei, sem maiores preocupações, que durante algum tempo havia me dedicado à leitura de Tolstoi. Só isto e mais eu não disse. Algum tempo depois, não muito, Dirce me chama e diz: “você vai dar o curso sobre Tolstoi nos dias tais e tais”. Grande susto. Grande alegria. Dirce, a mestra de todos nós, confiava em mim e me mantinha ligada a uma das minhas paixões literárias.

Daí, a busca dos grandes ensinamentos que ela transmitia sem sentir: eu não era a dona da verdade, minha leitura não era a única possível, o conhecimento não era fechado, ninguém sabe tudo e qualquer leitura ou afirmação pode ser vista pelo seu contrário ou “pode não ser nada disto”. Onde ficava, então, o meu Tolstoi tão querido? Onde ficavam as minhas linhas já sedimentadas por aqueles anos de leitura? Em lugar nenhum, ou em todos os lugares, nada cristalizado, mas *vivo* pelo caminho da dúvida que faz a leitura de qualquer autor se tornar processo permanente, história do viver do homem sempre renovada. História, enfim.

E é na história que se deve ler Dirce Riedel. Na história da educação, na das Letras, na do nosso Instituto de Letras, na da formação dos discípulos. Na história da vida.